



# <sup>1</sup> A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS BRAGANTINAS: CANDOMBLÉ E UMBANDA

**Dailton Silas Sousa Silveira, Luan Batista Silva de Sousa**

Discente da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Bragança-PA, pedagogia 2017

Discente da universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Bragança-PA, pedagogia 2017

Universidade Federal do Pará - Campus Bragança ([faced@ufpa.br](mailto:faced@ufpa.br))

## Resumo

O Brasil em sua diversidade territorial agrega diferentes culturas, ideologias e laços históricos, onde estão imersos uma gama de saberes e práticas culturais que dialogam com o contexto escolar, dentre estas pode-se destacar o Candomblé. O presente trabalho tem por objetivo ressaltar a importância da cultura afrodescendente (Candomblé e Umbanda) dentro do município de Bragança, como vertente de produção de conhecimento no cotidiano escolar. Os referenciais teóricos que dialogam com este trabalho são: (Barbosa, 2011), (Barbosa Junior, 2011), (Barbosa, 2017), (Candau, 2008), (Candau, 2011), (Cunha Junior, 2009), (Hage, 2016). Metodologicamente este trabalho perpassa por dois momentos: o primeiro, do contato com a disciplina “Educação e Diversidade na Amazônia, dentro da sala de aula com pesquisa de referenciais teóricos e o segundo com entrevistas, questionários e pesquisa de campo. A análise dos dados nos permitiram identificar que apesar das determinações legais da Lei 10.639/03 e da lei 11.645/08, que consolidam enquanto políticas de afirmações para as escolas, nota-se que nelas não há o incentivo de materiais didáticos que exploram e valorizam tais práticas culturais, bem como de práticas pedagógicas voltadas ao tema. Na primeira seção buscou-se apresentar os marcos legais que fundamentam o trabalho das relações étnico-raciais e os desafios da materialização nas escolas. Em seguida tenta-se mostrar a disparidade entre a ciência e a efetiva prática das leis no amparo legal da cultura afrodescendente no ambiente escolar, pontuando a implementação de projetos e currículo escolar, a formação dos profissionais docentes, além da interação e influência da comunidade sobre o desenvolver da cultura africana do Candomblé. Assim constatamos que é preciso estimular a cultura afrodescendente, mesmo havendo diferenças.

**Palavras – Chave:** Cultura Afro-Brasileira. Lei 10.639/03. Lei 11.645/08. Candomblé e Umbanda.

## Introdução

O Brasil possui uma diversidade territorial que agrega inúmeras culturas, ideologias e laços históricos distintos. Dentre esta diversidade, identifica-se a imersão de saberes e práticas culturais desenvolvidas no Candomblé, mais especificamente das relações étnico-raciais, podendo dialogar com o contexto escolar. Historicamente “os grupos minoritários” sempre foram excluídos, discriminados e invisibilizados na sociedade. Isto aconteceu devido às discriminações de raça e gênero que foram se constituindo pela cultura eurocêntrica, que silenciou todas as formas de diversidades étnico-raciais. De acordo com Hage (2016), na Amazônia a cultura africana está permeada pelas fortes influências das populações de Guiné Bissau, Cacheu e Angola. Estas populações trouxeram consigo saberes e práticas culturais do cultivo da cana-de-açúcar,

---

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção de média na “disciplina Educação e Diversidade Sócio Cultural”, no curso de pedagogia - intensivo 2017

## Realização



## Organização:



(91) 3223-8575

[fazeacontece@fazeacontece.com.br](mailto:fazeacontece@fazeacontece.com.br)

[www.fipedbrasil.com.br](http://www.fipedbrasil.com.br)



manifestações religiosas, como o candomblé, que se materializam nas diversas vilas e vilarejos ao longo da Amazônia.

### Justificativa

Incentivar os debates acerca das discussões étnico-raciais, obtendo agenda nas políticas públicas educacionais, a partir de movimentos sociais que protestavam por políticas públicas afirmativas e de direitos aos diversos coletivos que constituem os territórios, inclusive na Amazônia. Justifica-se pelo fato de possibilitar a divulgação da cultura afro-brasileira. Ao mesmo tempo possibilitar o candomblé no contexto educativo, pela percepção de que não há incentivo de materiais didáticos: livros, das danças afrodescendentes, filmes e músicas, onde possam identificar relações ligadas ao multiculturalismo interativo e aberto, mais precisamente ligadas às relações étnico-raciais. Pois de fato, há leis que englobam e destacam quanto a esta prática escolar, como as leis 10.639/03 e 11.645/08, entretanto existem currículos prescritos que ainda desenvolvem uma política pelas totalidades únicas com valores hegemônicos e classificatórios. E não se pode camuflar a existência de certa perseguição contra as religiões africanas, essas religiões possuem diversas denominações regionais, criam-se diversos tabus contra as religiões de base africana.

### Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar a importância da cultura afrodescendente (Candomblé e Umbanda) dentro do município de Bragança, como vertente de produção de conhecimento no cotidiano escolar, pois esse envolvimento pedagógico é de suma importância para a assimilação do multiculturalismo intercultural.

De relacionar o interculturalidade à uma visão baseada na realidade local, em um contexto contemporâneo e dinâmico, elencado no respeito aos laços históricos e tradicionais.

Aprofundar o conhecimento sobre cultura afrodescendente, e suas vertentes religiosas.

### Revisão da Literatura

Esta seção objetiva apresentar os marcos legais que amparam as políticas públicas sobre o debate das relações étnico-raciais e os desafios destas se materializarem na escola pública e privada.

Partindo de lutas de movimentos sociais, a discussão das relações étnico-raciais teve uma grande conquista com a Lei 10.639/03 sancionada em 09 de Janeiro de 2003, tornando obrigatória a inclusão do ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos estabelecimentos do ensino público e privado da educação básica.

Após a sanção da Lei 10.639/03, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução 1, de 17/03/2004, que institui as *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana*. A partir de então, as escolas da educação básica passam a ter um documento legal que discute

### Realização



### Organização:





e aprofunda o teor da Lei 10.639/03, capaz até de orientar a prática pedagógica. (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 68)

Os documentos norteadores que amparam uma política afirmativa das relações étnico-raciais na Educação Básica, contribuem para que a prática do racismo venha ser diminuída, e para que isso aconteça é fundamental uma reforma na estrutura escolar, pois há muita resistência, até mesmo dos educadores para a implementação desta problemática neste âmbito.

Teremos de mexer na tão falada estrutura escolar, na organização do trabalho docente, e instituir processos cada vez mais democráticos de gestão, construir espaços coletivos para a formação em serviço e continuada, modificar tempos, espaços e lógicas. Isso nos leva a concluir que a implementação de um trabalho com a questão racial na escola e no currículo extrapola ela mesma e nos leva a repensar o fazer pedagógico de maneira mais ampla e mais profunda. (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 87)

É preciso debater essas relações, os negros tiveram um papel tão importante quanto os portugueses e indígenas para a construção da cultura brasileira, não basta somente falarmos de negros quando abordamos a questão da escravatura, e sim mostrarmos a riqueza cultural que trouxeram consigo. Na Amazônia as populações africanas foram primordiais na construção da cultura amazônica, visto a presenças de suas danças, culinária, religiosidade, entre outras.

Como parte fundante e integrante de nossa matriz cultural, encontram-se ainda as *populações africanas*, que contribuem com a formação cultural da Amazônia disseminando suas danças, culinária, manifestações religiosas, de suas tradições ancestrais preservadas e socializadas pela memória e oralidade, em grande medida. (HAGE, 2016, p. 8)

Apesar da vitória, das lutas históricas do movimento negro brasileiro em prol da educação com a lei 10.639/03 e da lei 11.645/08 no qual o estado passa a reconhecer a discussão étnico-racial no âmbito escolar, não há avanços no meio social, pois os seus direitos não são cumpridos e nem todos tem acesso às políticas vigentes. Ocorrendo desta forma o *Multiculturalismo Assimilacionista*, como descreve Moreira e Candau (2008).

A abordagem assimilacionista parte da afirmação de que vivemos numa sociedade multicultural, no sentido descritivo. Nessa sociedade multicultural não existe igualdade de oportunidades para todos/as. Há grupos, como os indígenas, negros, homossexuais, pessoas oriundas em determinadas regiões geográficas do próprio país ou de outros países e de classes populares, e/ou com baixos níveis de escolarização, com deficiência, que não têm o mesmo acesso a determinados serviços, bens, direitos fundamentais de outros grupos sociais, em geral, de classe média ou alta, brancos, considerados “normais” e com elevados níveis de escolarização. (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 20)

Há necessidade da interação entre as culturas presentes nas escolas, que é o que propõe o *Multiculturalismo Intercultural*. Visto que havendo a intervenção entre as culturas, ambas contribuem para fortalecimento de sua identidade. Quando outras culturas presentes na escola, passam a conhecer a minoria discriminada, estes compreendem a importância do respeito ao “diferente”, construindo assim uma sociedade igualitária.

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

#### Realização



#### Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br



Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 23)

Podemos citar o Candomblé como sendo uma dessas culturas discriminadas na escola, membros desta religião muitas das vezes temem se identificar, tanto é a repulsa dos demais com relação às suas práticas. Trazida com os escravos, essa religião foi uma forma destes não perderem suas raízes, na maioria das vezes praticado as escondidas, como acontece nos dias atuais, por medo da discriminação e da forma como as pessoas agem ao lidarem com esta crença. De acordo com Barbosa Junior (2011, p. 26) “O Culto aos Orixás pelos africanos no Brasil tem uma longa história de resistência e sincretismo. Impedidos de cultuar os Orixás, os negros valiam-se de imagens e referências católicas para que pudessem manter viva sua fé.”

O preconceito com as religiões de origem africana é muito presente nas escolas, isso se dá pelo desconhecimento sobre o assunto e pelo descaso por gestores escolares, visto que ficam nas barreiras e na metodologia, menos impactante, de ser inserida na sociedade sem que aconteça essa discriminação.

O racismo antinegro tomou em parte o sentido religioso e pode ficar expresso pela demonização da cultura negra e das religiões de base africana. Dizer que Umbanda e Candomblé são coisas do demônio faz parte desta forma de racismo. Traduz os conteúdos de desinformação em aversão e preconceitos religiosos. (CUNHA JUNIOR, 2009, p. 98)

Diante do exposto apresentado sobre as relações étnico-raciais e a fundamentação feita em autores, apresenta-se o diálogo feito com o professor Nazareno Araújo Barbosa frequentador do Terreiro Umbandista de Mãe Santa Teresinha em Bragança-PA.

### **Análise dos Resultados e Discussão**

Esta seção tem como propósito mostrar que ainda existe uma disparidade muito grande entre ter conhecimento das leis e colocá-las em práticas, principalmente no ambiente escolar, onde se lida com uma diversidade de credos e costumes étnico-raciais.

A lei 10.639/03 a lei 11.645/08 amparam os diálogos sobre a implementação de um currículo escolar que venha a discutir nos projetos pedagógicos das escolas as culturas afro-brasileiras e africanas. No discurso a seguir apresenta-se a fala do entrevistado sobre a dificuldade de desenvolver esta cultura na escola:

As leis são novas e ainda se tem dificuldade para trabalhar o étnico-racial. Nem todos os diretores e coordenadores tem uma leitura correta das leis e também não tem compreensão que a História da África tem que ser trabalhada a partir de uma realidade local. Sabemos, pois, a música, a comida e o modo de vestir estão completamente ligados à cultura africana. É preciso envolver atividades como a negritude não apenas em datas comemorativas, mas durante todo o ano (Nazareno Araújo Barbosa, 2017).

### **Realização**



### **Organização:**



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br



Fica evidente, na resposta do entrevistado, que há sim a necessidade iminente de se trabalhar e explorar o potencial da história africana na cultura brasileira, e isso deve começar a partir do contexto escolar. Neste sentido, não se deve apenas desconhecimento ou má interpretação das leis, como é o caso da lei 10.639/03 e da lei 11.645/08, mas é preciso derrubar preconceitos e barreiras, que atualmente se encontram alicerçadas em falsas informações e estereótipos sobre essa cultura.

De acordo com Candau (2008):

Um primeiro aspecto a ser trabalhado, que considero de especial relevância, diz respeito a proporcionar espaços que favoreçam a tomada de consciência da construção da nossa própria identidade cultural, no plano pessoal, situando-a em relação com os processos sócio culturais de contexto em que vivemos e da história do nosso país. [...] Ser consciente de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridação e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los, nomeá-los, e trabalha-los constitui um exercício fundamental. (CANDAU 2008, pag. 25 e 26)

As práticas pedagógicas no contexto educativo acabam por silenciar a cultura afro-brasileira na escola, isto acontece devido ao trato generalizado das culturas, que buscam a homogeneização das mesmas, não explorando-as e desvalorizando ou não potencializando suas peculiaridades.

A escola tem que estar preparada, bem estruturada e tirar os elementos que ainda vão estereotipar o negro e sua cultura, e isso se dá pela valorização deste sujeito, pois somente desta forma poderá se conceber uma prática pedagógica que valorize a cultura brasileira.

Para Candau (2011), no intuito de se trabalhar as diferenças:

Parte-se de uma valorização positiva destas diferenças e são mobilizadas várias estratégias: aprofundamento da reflexão sobre diferenças específicas, desconstrução de visões estereotipadas de certas identidades, desenvolvimento da auto-estima, particularmente dos alunos e alunas que pertencem a grupos inferiorizados e objeto de discriminação e trabalhar os conflitos que emergem no cotidiano escolar. (CANDAU, 2011, p.252)

A prática cultural sobre os cultos a orixás, estão entrelaçados ao tempo que norteia a homenagem a cada caboclo e isto também define os artefatos culturais que são utilizados para cada entidade. Barbosa (2011) aponta sobre os vários períodos destinados ao culto aos orixás e como se dá a dinâmica de participação dos frequentadores em cada período, segundo o autor:

Mãe Terezinha realiza cultos às segundas, quartas e sextas-feiras. Muitos moradores frequentam o local, mas apenas durante os períodos de festas, as chamadas festas de aparelhagem. No mês de janeiro, acontece a festa de São Sebastião, santo que dá nome ao terreiro de Mãe Terezinha. No local, é realizada uma grande festa, com ritos e cantos, principal fonte de renda do terreiro... Fora desse período de festa, o terreiro é basicamente frequentado pelos seguidores da Umbanda, por Mãe Terezinha e pelos filhos de santos que auxiliam o trabalho dela. (BARBOSA, 2011, p.38)

Tais períodos de cultos podem variar de acordo com o terreiro, mas também seguem a dinâmica de outras festividades da comunidade e mesmo dos moradores vizinhos ao terreiro. Em certos períodos do ano, a participação da vizinhança é mais livre em função do sincretismo religioso ou mesmo de uma abertura cultural, porém em outros momentos do ano essa participação se torna

## Realização



## Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br



mais restrita. No entanto, estes cultos e vai depender de cada terreiro e orixás cultuados os instrumentos utilizados nos cultos podem variar:

Os artefatos Culturais são os instrumentos utilizados[...]: o atabaque pequeno, médio e grande, triângulo, o pandeiro, a maraca, e diversos tipos de tambores ((Nazareno Araújo Barbosa, 2017).

Os instrumentos são indispensáveis nos rituais, pois, ressaltam a alegria que há na cultura afrodescendente e servem para que os orixás se façam presente no meio destes.

### Considerações Finais

Portanto, as relações étnico-raciais estão regularmente presentes no cotidiano das diversas regiões brasileiras, essas práticas que se construíram no contexto histórico e social do país, estão cada vez mais enraizadas e diversificadas; de forma que há uma necessidade cada vez maior de serem trabalhadas na multiculturalidade existente em Bragança-PA. Foi mostrado nesse trabalho, com fundamento teórico e visita in loco, que há uma enorme dificuldade de se trabalhar essa temática, sendo que essa questão; na maioria das vezes é vista de forma negativa, com uma certa barreira de preconceito às culturais menos visibilizadas, sobretudo dentro da escola essa evidência fica cada vez mais perceptível.

### Referências:

BARBOSA JUNIOR, Ademir. **O essencial do candomblé**. São Paulo: Universo dos livros, 2011.

BARBOSA, Nazareno Araújo. **O sincretismo religioso na Umbanda: No terreiro De Mãe Teresinha**, 2011, 42 f. Monografia (Apresentada à faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de pós-graduação em Ensino Aprendizagem Língua e Literaturas). UFPA, Bragança, 2011.

CANAU, Vera Maria. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas: Currículo sem Fronteiras**. Rio de Janeiro: PUC- Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>>. Acesso em: 22/07/2017.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. **Revista Espaço Acadêmico**, Brasil, ano IX, nº 102, p.97-103, novembro de 2009.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Interculturalidade, fraternidade e comunhão**: Referencias para a sustentabilidade na Amazônia. XVII Congresso Eucarístico Nacional, Pará, agosto, 2016.

MOREIRA, Antônio Flávio, CANAU, Vera Maria. **Multiculturalismo**: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

Planalto.gov.br - lei nº 11.645, de 10 março de 2008.

Disponível em

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)>

Acesso em: 22/10/2017

### Realização



### Organização:



(91) 3223-8575

fazeacontece@fazeacontece.com.br

www.fipedbrasil.com.br